

A Territorialização do Cuidado em Saúde como Estratégia para o Desenvolvimento Humano nas Escolas Públicas

The Territorialization of Health Care as a Strategy for Human Development in Public Schools

La territorialización de la atención de salud como estrategia de desarrollo humano en las escuelas públicas

Tatiana Corrêa da Silva¹; Maria Luísa de Castro de Azevedo²; Laís Gomide Santos Teodoro³; Maria Regina Martinez⁴

Como citar: Silva TC, Azevedo MLC, Teodoro LGS, Martinez MR. A territorialização do cuidado em saúde como estratégia para o desenvolvimento humano nas escolas públicas. *REVISA*. 2025; 15(1): 106-13. Doi: <https://doi.org/10.36239/revisa.v15.n1.p106a113>

REVISA

1. Universidade Federal de Alfenas
Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. Alfenas, Minas Gerais,
Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6860-9937>

2. Universidade Federal de Alfenas
Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. Alfenas, Minas Gerais,
Brasil.
<https://orcid.org/0009-0008-4920-0552>

3. Universidade Federal de Alfenas
Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. Alfenas, Minas Gerais,
Brasil.
<https://orcid.org/0009-0009-5966-7073>

4. Universidade Federal de Alfenas
Programa de Pós-Graduação em
Enfermagem. Alfenas, Minas Gerais,
Brasil.
<https://orcid.org/0000-0001-6300-8980>

Recebido: 17/10/2025
Aprovado: 17/12/2025

RESUMO

Objetivo: O desenvolvimento humano, compreendido como um processo dinâmico e multidimensional demanda uma abordagem que integre fatores biológicos, psicológicos, sociais e territoriais. A análise proposta neste estudo evidenciou que, embora os avanços em indicadores objetivos como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) sejam relevantes, eles não são suficientes para garantir o bem-estar subjetivo, sobretudo entre adolescentes. A persistência das desigualdades e a fragilidade das instituições públicas, em especial da escola, apontam para a urgência de políticas intersetoriais que articulem saúde, educação e desenvolvimento no território. Nesse contexto, a escola emerge como espaço estratégico de cuidado, pertencimento e formação integral, especialmente relevante na adolescência, etapa decisiva e vulnerável do desenvolvimento humano. A presença de enfermeiros e a adoção de práticas intersetoriais potencializam a construção de trajetórias escolares mais seguras, saudáveis e significativas. Ao reconhecer o território como espaço vivido e atravessado por múltiplas relações, reforça-se a importância de ações territorializadas que respondam de forma sensível às especificidades locais. Assim, a articulação entre saúde, educação e território configura-se não apenas como uma estratégia técnico-política, mas como um imperativo ético em prol da equidade e do fortalecimento das políticas públicas voltadas à juventude.

Palavras-chave: Desenvolvimento Humano; Adolescente; Territorialização da Atenção Primária; Saúde Holística.

ABSTRACT

Objective: Human development, understood as a dynamic, multidimensional, and situated process, requires an approach that integrates biological, psychological, social, and territorial factors. The analysis proposed in this study demonstrated that, although advances in objective indicators such as the Human Development Index (HDI) are important, they are not sufficient to ensure subjective well-being, especially among adolescents. The persistence of inequalities and the fragility of public institutions particularly schools highlight the urgent need for intersectoral policies that integrate health, education, and development within the territory. In this context, the school emerges as a strategic space for care, belonging, and holistic formation, especially relevant during adolescence, a decisive and vulnerable stage of human development. The presence of nursings and the implementation of intersectoral practices enhance the construction of safer, healthier, and more meaningful educational trajectories. By recognizing the territory as a lived space shaped by multiple relationships, the importance of territorialized actions that are responsive to local specificities is reinforced. Thus, the articulation between health, education, and territory is configured not only as a technical-political strategy but also as an ethical imperative for equity and the strengthening of public policies aimed at youth.

Keywords: Human Development; Adolescent; Territorialization in Primary Health Care; Holistic Health.

RESUMEN

Objetivo: El desarrollo humano, entendido como un proceso dinámico y multidimensional, exige un enfoque que integre factores biológicos, psicológicos, sociales y territoriales. El análisis propuesto en este estudio mostró que, si bien los avances en indicadores objetivos como el Índice de Desarrollo Humano (IDH) son relevantes, no son suficientes para garantizar el bienestar subjetivo, especialmente entre los adolescentes. La persistencia de las desigualdades y la fragilidad de las instituciones públicas, en particular las escuelas, señalan la urgencia de políticas intersectoriales que articulen la salud, la educación y el desarrollo en el territorio. En este contexto, la escuela emerge como un espacio estratégico para el cuidado, la pertenencia y la educación integral, especialmente relevante en la adolescencia, una etapa decisiva y vulnerable del desarrollo humano. La presencia de enfermeras y la adopción de prácticas intersectoriales potencian la construcción de trayectorias escolares más seguras, saludables y significativas. Al reconocer el territorio como un espacio vivido y atravesado por múltiples relaciones, se refuerza la importancia de acciones territorializadas que respondan con sensibilidad a las especificidades locales. Así, la articulación entre salud, educación y territorio se configura no solo como una estrategia técnico-política, sino como un imperativo ético en favor de la equidad y el fortalecimiento de las políticas públicas dirigidas a la juventude.

Palabras clave: Desarrollo humano; Adolescente; Territorialización de la atención primaria; Salud integral.

Introdução

A adolescência é uma fase do desenvolvimento humano marcada por profundas transformações físicas, emocionais, cognitivas e sociais. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), essa etapa ocorre entre os 10 e 19 anos de idade e representa uma transição importante entre a infância e a vida adulta¹.

O desenvolvimento humano compreende três domínios interligados: físico, cognitivo e psicossocial. O domínio físico diz respeito às transformações corporais e neurológicas, como o crescimento do corpo e do cérebro, além do aprimoramento das capacidades sensoriais e motoras. O domínio cognitivo envolve os processos mentais ligados ao pensamento, raciocínio, criatividade, aprendizagem, atenção, memória e linguagem. Já o domínio psicossocial abrange os aspectos emocionais, a construção da personalidade e as relações interpessoais, fundamentais para a adaptação e a convivência do indivíduo em seu contexto social². Durante a adolescência, ocorrem mudanças hormonais intensas que impulsionam o crescimento corporal, o amadurecimento sexual e a reconfiguração da identidade pessoal. De acordo com o *U.S. Department of Health and Human Service*³, esse período é essencial para o desenvolvimento de competências que influenciarão toda a vida adulta, como a regulação emocional, o pensamento crítico e as habilidades de relacionamento interpessoal.

Papalia e Martorell² enfatizam a importância do contexto socioeconômico e dos territórios em que os indivíduos vivem para o desenvolvimento humano. Eles argumentam que, em sociedades marcadas por desigualdades, fatores como a renda familiar, o acesso à educação de qualidade e as condições de saúde afetam profundamente as trajetórias de vida dos indivíduos. Esse contexto territorializado influencia não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também as escolhas e os projetos de vida dos jovens.

Pensar o desenvolvimento humano requer uma abordagem ampliada, capaz de contemplar as múltiplas dimensões que atravessam seus processos formativos e os territórios nos quais estão inseridos. Diante desse contexto, torna-se precisa a formulação de estratégias integradas que promovam o bem-estar e a inclusão dos adolescentes em sua diversidade³.

A escola, enquanto instituição social, tem papel importante nesse processo, funcionando como um espaço de socialização, onde questões como o sentimento de pertencimento e o engajamento escolar se tornam determinantes para o bem-estar emocional e para o sucesso acadêmico⁴. A territorialização do desenvolvimento humano, especialmente no contexto escolar, assume uma função vital, pois reconhece que os sujeitos em processo de formação não estão desvinculados de seus territórios. Em territórios marcados por desigualdade, como as periferias urbanas e as áreas de extrema vulnerabilidade, os adolescentes enfrentam condições adversas que exigem uma abordagem mais sensível e integrada, que envolva políticas públicas intersetoriais, com o fortalecimento de vínculos entre educação, saúde e território⁵.

Diante disso, o presente ensaio teórico tem como objetivo discutir, os fundamentos que articulam desenvolvimento humano, adolescência, territorialização e a atuação do enfermeiro no ambiente escolar. Admite-se que a territorialização, articulada à atuação do enfermeiro no ambiente escolar, pode favorecer a construção de práticas de cuidado alinhadas às realidades específicas de cada comunidade.

Desenvolvimento humano: uma abordagem ampliada

De acordo com Papalia e Martorell², o estudo do desenvolvimento humano busca entender as influências biológicas, sociais e psicológicas que moldam as trajetórias individuais desde a fecundação até a morte. Eles enfatizam que o desenvolvimento não ocorre de forma linear, mas por meio de uma interação dinâmica entre fatores genéticos e ambientais.

Os autores acima, destacam que o desenvolvimento humano pode ser analisado sob diferentes perspectivas. No entanto, o que as distingue é a ênfase na interdependência dos fatores biológicos, psicológicos e sociais. Ainda, argumentam que, ao se considerar essas diferentes dimensões, é possível compreender melhor os processos de adaptação dos indivíduos aos contextos sociais nos quais estão inseridos, sendo fundamental para analisar, por exemplo, a trajetória educacional e o impacto das condições sociais sobre o desenvolvimento do indivíduo.

O Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) constitui uma métrica relevante, para aferir os avanços no desenvolvimento humano, ao integrar indicadores de renda, saúde e educação. Nos últimos anos, observou-se um progresso significativo nesses domínios, refletido na elevação do bem-estar material e na redução expressiva da pobreza em escala global. Contudo, tais avanços quantitativos não têm se traduzido, de maneira proporcional, em melhorias nos aspectos subjetivos da vida. Dados recentes apontam um crescimento alarmante nos relatos de tristeza, estresse e preocupação, afetando cerca de três bilhões de pessoas⁶.

O período da juventude, ao ser compreendido como uma fase de profundas ressignificações subjetivas e sociais, ocupa um lugar central nas discussões sobre o desenvolvimento humano. É nesse intervalo da vida que se acentuam os conflitos, as descobertas e as buscas por pertencimento, exigindo abordagens que articulem as dimensões cognitivas, afetivas, sociais, econômicas e políticas. Assim, não é possível pensar o desenvolvimento humano de forma dissociada dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos. O território, enquanto espaço vivido e produtor de vínculos, constitui uma dimensão estruturante dessas trajetórias, pois influencia diretamente as oportunidades de acesso a direitos, a qualidade das relações e a construção de sentido de vida⁶.

Adolescência e Saúde: Desafios Contemporâneos

Essa etapa da vida se destaca por mudanças expressivas que envolvem o corpo, a mente e as relações sociais. Neste período, os indivíduos buscam afirmar sua identidade, explorar novas experiências e desenvolver autonomia em relação à família e ao contexto social. As características subjetivas da adolescência envolvem a busca por um sentido para a vida, a construção de valores pessoais e a necessidade de pertencimento a grupos sociais, como os pares⁷.

Nessa fase do desenvolvimento humano que se consolidam comportamentos e hábitos que podem influenciar toda a vida adulta. Por isso, é considerada um período de potencial formativo, mas também de vulnerabilidade, já que as escolhas feitas nesse momento podem expor os jovens a riscos, inclusive à saúde, ou, ao contrário, favorecer a adoção de práticas saudáveis e o fortalecimento da autonomia⁷.

Em contextos de desigualdade social, a pressão para estar em conformidade a estereótipos de gênero, de sucesso escolar e de padrões de consumo pode gerar angústias existenciais e influenciar negativamente o desenvolvimento emocional dos jovens⁸.

O ambiente escolar tem se configurado como um lugar estratégico para a reflexão crítica sobre os fatores que influenciam a saúde e o adoecimento, com destaque para ações de prevenção, controle de agravos e redução de riscos. Compreender o ambiente escolar como promotor de saúde implica reconhecê-lo como um território privilegiado para o debate sobre os determinantes sociais que afetam diretamente o bem-estar físico, mental e social dos indivíduos⁹.

Sob essa ótica, a escola assume um papel fundamental como local de interseção entre saúde e educação. Além disso, ela amplia as possibilidades para o desenvolvimento de ações que visam aprimorar, de forma contínua e preventiva, as competências individuais e coletivas dos estudantes, buscando assegurar uma qualidade de vida escolar compartilhada. Essas ações são essenciais para criar condições favoráveis à efetivação do processo educacional, o qual depende do atendimento a requisitos básicos de saúde¹⁰.

Nesse sentido, a inserção de enfermeiros, como parte integrante das equipes multiprofissionais, contribui significativamente para o fortalecimento dessa proposta formativa. A articulação entre os campos da saúde e da educação amplia as possibilidades de implementação de ações que promovem o desenvolvimento humano integral dos estudantes adolescentes. Ressalta-se que essa integração contribui para o envolvimento da comunidade escolar em programas e projetos intersetoriais, voltados ao enfrentamento de vulnerabilidades que comprometem o percurso formativo de adolescentes e jovens¹⁰.

O Território e Territorialização

O conceito de território é multifacetado e abrange diversas dimensões que vão além da simples delimitação geográfica. Milton Santos¹¹, um dos principais teóricos da geografia crítica, entende o território como um espaço vivido, construído pelas relações sociais e culturais que se estabelecem nele.

Para Santos¹¹, o território não é apenas um lugar físico, mas um espaço de significados, onde as ações sociais se entrelaçam com as condições econômicas, políticas e culturais. Ele destaca a importância de entender o território de forma dinâmica, reconhecendo as interações entre os sujeitos e os seus ambientes, que são essenciais para compreender as desigualdades e as exclusões sociais.

Rogério Haesbaert¹² propõe o conceito de multiterritorialidade, que sublinha a ideia de que os indivíduos e os grupos sociais não estão restritos a um único território, mas sim a múltiplos territórios sobrepostos, com diferentes significados e usos. Haesbaert¹² defende que o território é dinâmico e fluido, resultante das identidades e das práticas sociais que se transformam ao longo do tempo.

A territorialização é uma abordagem estratégica no planejamento de ações voltadas ao desenvolvimento humano, pois possibilita a análise articulada de fatores ambientais, sociais, demográficos e econômicos de determinado território. Esse processo permite identificar os principais desafios vivenciados por uma comunidade, bem como compreender suas dinâmicas e particularidades locais¹³.

O mapeamento do território consiste na identificação de grupos, famílias e indivíduos em uma determinada área, considerando os diversos fatores que

influenciam suas condições de vida. Ao compreender as especificidades de cada contexto territorial, torna-se possível desenvolver ações mais eficazes e alinhadas às reais necessidades da população¹⁴.

A articulação entre educação e saúde é essencial para o desenvolvimento humano integral, especialmente em territórios marcados por vulnerabilidade social. A presença de ações de saúde no ambiente escolar fortalece a promoção do bem-estar e a prevenção de doenças, contribuindo diretamente para a formação de sujeitos mais autônomos e protegidos. Em contextos de violência e exclusão, a escola pode se tornar um território de cuidado, funcionando como um lugar seguro e de apoio¹³.

Para os jovens estudantes, a escola é um espaço de identificação e socialização, onde constroem seu projeto de vida e definem seus valores. Em contextos marcados por vulnerabilidade, a escola desempenha um papel central ao proporcionar não só o acesso à educação formal, mas também suporte emocional, oportunidades de inclusão social e possibilidades concretas de construção de futuro¹⁴.

Convergências Possíveis: Território, Cuidado e Desenvolvimento

A articulação entre os eixos do desenvolvimento humano, territorialização, atuação de enfermeiros no contexto escolar e as especificidades do ambiente educacional pode resultar em uma abordagem de cuidado integral para adolescentes e jovens.

A territorialização pode ser compreendida como o modo pelo qual a escola se insere e se articula com o território onde está situada, considerando as dinâmicas sociais, econômicas e culturais que configuram a vida da comunidade local. Trata-se de um processo contínuo de leitura e interpretação do ambiente escolar e de suas interfaces com o entorno, permitindo que as práticas e políticas de saúde sejam alinhadas às especificidades do território¹⁵.

Os ambientes nos quais adolescentes e jovens vivem, transitam e estudam carregam especificidades fundamentais para entender e enfrentar suas condições de vulnerabilidade e adoecimento. Os territórios são marcados por trajetórias históricas e expressões culturais próprias e, especialmente nas áreas periféricas, conformam comunidades baseadas em visões de mundo compartilhadas e em processos contínuos de resistência política frente à exclusão social, à estigmatização, à violência relacionada à sexualidade e ao gênero, bem como ao sofrimento psíquico. Essa dimensão territorial também influencia diretamente a organização e a distribuição dos serviços públicos, de acordo com os princípios da regionalização e da descentralização¹⁵.

A escola, enquanto espaço de socialização, é um território estratégico para a intersetorialidade das políticas públicas de saúde, educação e assistência social. A atuação interdisciplinar é fundamental para garantir uma abordagem de cuidado integral que respeite as especificidades do desenvolvimento dos sujeitos. A socialização configura-se como um processo contínuo e estruturante ao longo da vida humana, por meio do qual os indivíduos aprendem a viver em coletividade e a compreender as dinâmicas que regem as relações sociais¹⁵.

Ao reconhecer a saúde como promotora da qualidade de vida, para além da mera ausência de enfermidades, evidencia-se sua profunda articulação com os padrões de desenvolvimento econômico e social de uma sociedade. Nessa

perspectiva, o território assume um papel estratégico no desenvolvimento, pois as ações em saúde tanto sofrem influência quanto impactam os contextos onde são realizadas. É nas diferentes escalas territoriais que as políticas públicas se articulam, criando sinergias essenciais para o avanço do desenvolvimento humano¹⁵.

Uma estratégia promissora para promover o desenvolvimento humano de estudantes no ambiente escolar envolve a atuação integrada do profissional enfermeiro por meio da abordagem territorializada do cuidado. Ao mapear os recursos e dispositivos existentes no entorno da escola, como unidades de saúde, espaços de lazer, centros culturais e iniciativas comunitárias, o enfermeiro pode articular ações que ampliem as oportunidades de bem-estar físico, emocional e social dos estudantes. Essa atuação permite que a escola não apenas responda às necessidades imediatas dos estudantes, mas também potencialize vínculos com o território, promovendo experiências significativas de pertencimento, segurança e construção de projetos de vida.

Assim, o enfermeiro no ambiente escolar torna-se um agente articulador entre saúde, educação e comunidade, favorecendo intervenções contextualizadas e intersetoriais que respondam às vulnerabilidades e fortaleçam as capacidades locais como caminho para o desenvolvimento humano integral.

Considerações Finais

Compreender o desenvolvimento humano como um processo dinâmico e multidimensional, implica reconhecer que fatores biológicos, psicológicos, sociais e territoriais se entrelaçam na construção de trajetórias individuais e coletivas.

A adolescência, por sua vez, é uma etapa importante que demanda atenção intersetorial. Nesse cenário, a escola deve ser compreendida para além de seu papel pedagógico, assumindo-se como um território de cuidado, pertencimento e formação cidadã. A presença de enfermeiros integradas às ações de saúde, favorece a criação de ambientes educativos promotores de saúde, que reconhecem e acolhem as vulnerabilidades juvenis de forma contextualizada.

Este estudo propõe que a atuação do enfermeiro na escola, orientada por uma abordagem territorial, amplia o impacto das ações de saúde e reforça a função da escola como espaço de cuidado, acolhimento e garantia de direitos. Ao articular diferentes saberes, considerar as especificidades do território e ativar os recursos disponíveis na comunidade, contribui significativamente para a criação de ambientes escolares mais inclusivos, justos e voltados ao desenvolvimento humano dos estudantes.

Agradecimentos

- O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.
- Este estudo foi realizado com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

Referências

1. Organização Mundial da Saúde. Adolescent health [Internet]. Geneva: OMS; 2022 [cited 2025 May 14]. Available from: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/adolescent-health>
2. Papalia DE, Martorell G. Desenvolvimento humano. 13ª ed. Porto Alegre: AMGH; 2021.
3. U.S. Department of Health and Human Services. Adolescent development explained [Internet]. Washington, D.C.: U.S. Government Printing Office; 2018 [cited 2025 Jun 16]. Available from: <https://opa.hhs.gov/adolescent-health/adolescent-development-explained>
4. Santos DM. A influência do ambiente escolar no desenvolvimento infantil. Rev Primeira Evolução [Internet]. 2024 [cited 2025 May 14];1(55):39-45. Available from: <https://primeiraevolucao.com.br/index.php/R1E/article/view/663>
5. Ribeiro VM, Vóvio CL. Desigualdade escolar e vulnerabilidade social no território. Educ Rev [Internet]. 2017 [cited 2025 May 21]; Esp. 2:71-87. Available from: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.51372>
6. Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. Relatório de Desenvolvimento Humano 2023/2024: quebrando o impasse, reinventando a cooperação num mundo polarizado [Internet]. Nova York: PNUD; 2024 [cited 2025 Jun 13]; v.1. Available from: <https://hdr.undp.org/content/human-development-report-2023-24>
7. Assunção MLB, et al. Educação em saúde: a atuação da enfermagem no ambiente escolar. Rev Enferm UFPE on line [Internet]. 2020 [cited 2025 Jun 14]; 14:1-8. Available from: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.243745>
8. Sousa MLS. O papel da escola diante das vulnerabilidades sociais [Trabalho de Conclusão de Curso]. Recife: Universidade Federal de Pernambuco; 2023 [cited 2025 May 20]. Available from: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/55724>
9. Pinto MB, Silva KL. Promoção da saúde na escola: discursos, representações e abordagens. Rev Bras Enferm [Internet]. 2020 [cited 2025 Jun 14];73(3):1-7. Available from: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2018-0774>
10. Amadei J, et al. Educação e saúde: atuação do enfermeiro no ambiente escolar na educação profissional e tecnológica: contribuições para a educação integral. Pesqui Debate Educ [Internet]. 2024 [cited 2025 Jun 13]; 15:1-16. Available from: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/RPDE/article/download/44903/28548/207865>
11. Santos M. Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico informacional [Internet]. São Paulo: Hucitec; 1994 [cited 2025 Jun 19]. Available from: <https://repositorio.usp.br/item/000871167>

12. Haesbaert R. O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multi-territorialidade [Internet]. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; 2004 [cited 2025 Jun 17]. Available from: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38739>
13. Pereira MD, et al. Ações intersetoriais entre a saúde e a educação: apontamentos para o programa saúde na escola. *Physis Rev Saúde Colet* [Internet]. 2021 [cited 2025 May 21];31(2):2-22. Available from: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-73312021310224>
14. Gonçalves JR, Peluso ML. Lugar, Território e Territorialidade na Construção da Identidade. *Rev Percurso NEMO Maringá* [Internet]. 2022 [cited 2025 May 20];14(2):207-29. Available from: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/Percurso/article/view/61769/751375155331>
15. Paiva V, et al. From “combined prevention” to “comprehensive prevention”: building the response to the syndemic with adolescents and youth in São Paulo, Brazil (2020-2023). *Cad Saúde Pública* [Internet]. 2025 [cited 2025 Jun 16];41(4):e00084323. Available from: <https://doi.org/10.1590/0102-311XEN084323>

Autor de Correspondência

Maria Regina Martinez
R Gabriel Monteiro da Silva, 700. CEP: 37130-
001-Centro. Alfenas, Minas Gerais, Brasil.
maria.martinez@unifal-mg.edu.br